

ORGS.

**MARILIA MOROSINI**

**CARLA CASSOL**

**CRISTINA ELSNER**

**CRAIG WHITSED**

# **INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**reflexões e práticas do  
Brasil e da Austrália**



Embaixada da Austrália

 **ediPUCRS**

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO  
SUPERIOR: PRÁTICAS E REFLEXÕES DO  
BRASIL E DA AUSTRÁLIA**

# PUCRS

## CONSELHO EDITORIAL EDIPUCRS

**Chanceler** Dom Jaime Spengler

**Reitor** Evilázio Teixeira | **Vice-Reitor** Manuir José Mentges

Carlos Eduardo Lobo e Silva (Presidente), Luciano Aronne de Abreu (Editor-Chefe), Adelar Fochezatto, Antonio Carlos Hohlfeldt, Cláudia Musa Fay, Gleny T. Duro Guimarães, Helder Gordim da Silveira, Lívia Haygert Pithan, Lucia Maria Martins Giraffa, Maria Eunice Moreira, Maria Martha Campos, Norman Roland Madarasz, Walter F. de Azevedo Jr.

---

Conforme a Política Editorial vigente, todos os livros publicados pela editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (EDIPUCRS) passam por avaliação de pares e aprovação do Conselho Editorial.

---

*Marília Morosini  
Carla Camargo Cassol  
Cristina Elsner de Faria  
Craig Whitsed  
(Organizadores)*

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO  
SUPERIOR: PRÁTICAS E REFLEXÕES DO  
BRASIL E DA AUSTRÁLIA**

 **ediPUCRS**

PORTO ALEGRE

2021

© EDIPUCRS 2021

**CAPA** Thiara Speth

**DIAGRAMAÇÃO** EDIPUCRS

**REVISÃO** Texto Certo Assessoria Linguística

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

I61 Internacionalização da educação superior [recurso eletrônico] :  
práticas e reflexões do Brasil e da Austrália / organizadores  
Marília Morosini ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto  
Alegre : EDIPUCRS, 2021.  
1 Recurso on-line (416 p.).

Modo de acesso: <<https://editora.pucrs.br>>  
ISBN 978-65-5623-208-9

1. Ensino superior. 2. Globalização. 3. Educação  
Internacional. 4. Educação. I. Morosoni, Marília.

CDD 23. ed. 378

---

**Anamaria Ferreira – CRB-10/1494**

**Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.**

Todos os direitos desta edição estão reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio, com base na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Lei de Direitos Autorais.



**Editora Universitária da PUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33  
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone/fax: (51) 3320 3711  
E-mail: [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/edipucrs](http://www.pucrs.br/edipucrs)

## SUMÁRIO

<b>PREÂMBULO: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)</b> .....	<b>7</b>
IR. EVILÁZIO TEIXEIRA – REITOR DA PUCRS	
<b>PREÂMBULO: EMBAIXADA DA AUSTRÁLIA NO BRASIL</b> .....	<b>9</b>
TIMOTHY KANE – EMBAIXADOR DA AUSTRÁLIA NO BRASIL	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
BREVE HISTÓRIA DO CENTRO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASIL-AUSTRÁLIA.....	
CRISTINA ELSNER DE FARIA, CARLA CAMARGO CASSOL	
11	
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>25</b>
PROFA. DRA. MARÍLIA MOROSINI, DRA. CARLA CAMARGO CASSOL, DRA. CRISTINA ELSNER DE FARIA (ORGANIZADORAS)	
<hr/>	
<b>SEÇÃO 1 – METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM</b> .....	<b>35</b>
INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO:	
EVOLUINDO EM DIREÇÃO À EDUCAÇÃO 4.o.....	
BETTY ROSALIE LEASK	
37	
INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO: OPORTUNIDADES E LIÇÕES DA PRÁTICA .....	
CRAIG WHITSED	
77	
INTERNACIONALIZAÇÃO E ESCRITA CRIATIVA.....	
DR. BERNARDO BUENO	
111	
PEDAGOGIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA.....	
MARÍLIA MOROSINI, VANESSA GABRIELLE WOICOLESKO, EGESLAINE DE NEZ	
119	

---

**SEÇÃO 2 – POLÍTICAS INSTITUCIONAIS E BOAS PRÁTICAS DE GESTÃO ..... 149**

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE EM INSTITUIÇÕES  
DE ENSINO SUPERIOR: UMA PERSPECTIVA DE GESTÃO .....151  
LUCIANE STALLIVIERI

O PROCESSO DE FORMULAÇÃO ESTRATÉGICA E SUA IMPORTÂNCIA  
PARA A EVOLUÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO ..... 183  
CARLA CAMARGO CASSOL

INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E FORMAÇÃO  
DE REDES: POSSIBILIDADES E DESAFIOS .....205  
MANUIR MENTGES, MARCELO CORDEIRO

DESENVOLVENDO UMA PARCERIA ESTRATÉGICA: UM EXEMPLO  
CONCRETO DE DUAS GRANDES UNIVERSIDADES DO BRASIL  
E DA AUSTRÁLIA .....231  
JOSÉ CELSO FREIRE JUNIOR, JESSICA GALLAGHER

MODELOS PARA COOPERAÇÃO E PARCERIA BRASIL-AUSTRÁLIA  
NO ENSINO SUPERIOR: COMPREENDENDO AS OPORTUNIDADES  
PELA PERSPECTIVA AUSTRALIANA .....259  
RAFAEL AZEREDO, BEN FENTON-SMITH, ROBERT MASON

---

**SEÇÃO 3 – ANÁLISES E DEBATES DE POLÍTICAS PÚBLICAS .....285**

A EXPERIÊNCIA AUSTRALIANA NA REGULAMENTAÇÃO DO ENSINO  
SUPERIOR E A AVALIAÇÃO DE CRITÉRIO MULTIDIMENSIONAL ..287  
CRISTINA ELSNER DE FARIA

GARANTIA DE QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE  
COMPARATIVA DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS..... 309  
ROBERT E. VERHINE

ALGUMAS PERCEPÇÕES SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO  
DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PERSPECTIVA BRASILEIRA .....341  
CONCEPTA MCMANUS, ABILIO AFONSO BAETA NEVES

AVALIAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO BRASIL:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O SINAES E SEU FUTURO ..... 377  
PAULO MEYER NASCIMENTO

## PREÂMBULO: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

Ir. Evilázio Teixeira  
Reitor da PUCRS

Fruto de uma iniciativa inédita entre a PUCRS e a Embaixada da Austrália no Brasil, o Centro de Internacionalização da Educação Brasil-Austrália tem avançado significativamente em seu objetivo de se tornar um *hub* de referência em internacionalização da educação para a América Latina, promovendo a cooperação mútua para o avanço em temas relacionados à internacionalização da educação por meio de pesquisas, projetos e atividades formativas.

A internacionalização é um processo que necessita de maturação. Na PUCRS, adotamos o conceito de internacionalização abrangente, em que a vemos como parte do *ethos* organizacional e imbuída em todos os nossos serviços e atividades. A criação do Centro, nesse sentido, concretiza mais um passo importante na busca pela elevação da qualidade educacional não apenas ao interno da nossa universidade, mas como possibilidade de sermos um vetor para o desenvolvimento da sociedade como um todo, convergindo esforços no fortalecimento da educação internacional mundial.

O Centro de Internacionalização da Educação Brasil-Austrália oportuniza a aproximação de pesquisadores e educadores brasileiros com instituições educacionais australianas, bem como agências de

desenvolvimento e parques tecnológicos, permitindo o contínuo desenvolvimento local e regional e promovendo atividades de cooperação educacional. Esperamos que um grande contingente de estudantes, docentes e pesquisadores possam usufruir das iniciativas que emergem desta parceria. Sabemos que muitos são os desafios interpostos ao aluno que, após concluir sua formação universitária, deve apresentar competências técnicas que lhe garantirão uma posição no mercado de trabalho. Mas também há desafios a todos nós, enquanto sociedade, para que evoluamos e construamos uma sociedade mais justa e fraterna. E, para isso, as competências técnicas não bastam. Precisamos de uma sociedade constituída por cidadãos que atuem de forma consciente, responsável e humana. Precisamos de cidadãos que atuem de forma ambientalmente responsável e socialmente justa. Portanto, é nosso papel, como universidade, formar egressos também preparados para viver e trabalhar em um mundo globalizado e multicultural.

## PREÂMBULO: EMBAIXADA DA AUSTRÁLIA NO BRASIL

Timothy Kane  
Embaixador da Austrália no Brasil

A educação é parte central do crescente relacionamento bilateral entre a Austrália e o Brasil. Em 2020, o Brasil foi o maior parceiro da Austrália em educação fora do continente asiático e o quinto maior no geral. O Brasil é o 15º maior parceiro de pesquisa da Austrália no mundo e nosso maior parceiro de pesquisa na América Latina. Os acordos de parceria entre universidades australianas e brasileiras aumentaram de 17, em 2007, para mais de 135, em 2020. Esses vínculos educacionais também impulsionaram o rápido crescimento de vínculos interpessoais. Os brasileiros agora formam o maior grupo de migrantes da América Latina residentes na Austrália, com uma estimativa de 46.450 residentes nascidos no Brasil em 2018 – representando um aumento de mais de 800% desde 2001.

O livro *Internacionalização da Educação Superior: reflexões e práticas do Brasil e da Austrália* consolida ainda mais a cooperação entre a Austrália e o Brasil no âmbito da educação. As contribuições dos maiores especialistas australianos e brasileiros na agenda de internacionalização fornecem uma discussão muito necessária em torno de novas práticas e modelos. O livro também destaca oportunidades para uma maior colaboração entre nossos países em áreas

como políticas de garantia de qualidade, gestão do ensino superior e metodologias de ensino-aprendizagem.

Esta é a primeira publicação conjunta do Centro de Internacionalização da Educação Brasil-Austrália, localizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A Embaixada da Austrália no Brasil teve o orgulho de participar da criação do Centro para o avanço da internacionalização da educação por meio de pesquisas, projetos e atividades colaborativas dedicadas. Esta é uma importante área de mútuo interesse para Austrália e Brasil.

Desde a inauguração do Centro, nove *webinars* colaborativos foram organizados, abordando diversas questões de políticas públicas e práticas institucionais, como o papel das parcerias com o governo, elaboração de currículo e tomada de decisões baseadas em evidências. Esses diálogos têm permitido um compartilhamento estruturado de conhecimentos e melhores práticas entre especialistas de ambos os países, bem como o *design* conjunto de novos programas de formação, que constituem alguns dos principais objetivos do Centro.

Gostaria de parabenizar todos os pesquisadores e acadêmicos envolvidos neste projeto. É uma importante contribuição para a internacionalização da educação e para as relações Austrália-Brasil.

## BREVE HISTÓRIA DO CENTRO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASIL-AUSTRÁLIA

Cristina Elsner de Faria<sup>1</sup>

Carla Camargo Cassol<sup>2</sup>

Inspirado na referência australiana em internacionalização do currículo ([ioc.global](http://ioc.global)<sup>3</sup>), o Centro foi inaugurado em julho de 2020 com o objetivo de envolver pesquisadores e profissionais latino-americanos em debates globais sobre temas relacionados à internacionalização da educação no processo de ensino e aprendizagem, como prática

---

<sup>1</sup> Gerente de Educação e Ciência do Departamento de Educação, Competências e Emprego do Governo Australiano – escritório do Mercosul. Cientista política, doutora em Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade de Brasília. Especialista em Gestão Estratégica pela Fundação Dom Cabral. E-mail: [cristina.elsner@gmail.com](mailto:cristina.elsner@gmail.com).

<sup>2</sup> Assessora-Chefe do Escritório de Cooperação Internacional da PUCRS. Aluna de doutorado com pesquisa sobre internacionalização do ensino superior, especificamente sobre internacionalização do currículo, na PUCRS, com programa de estágio doutoral na Curtin University (Austrália). Possui o Mestrado em Gestão e Negócios pela UNISINOS e pela Université de Poitiers (França), e também possui um Programa de Certificação em Negócios Internacionais. E-mail: [carla.cassol@pucrs.br](mailto:carla.cassol@pucrs.br).

<sup>3</sup> O movimento de internacionalização do currículo é um movimento voluntário que reúne pesquisadores e professores de todo o mundo. Tudo começou como resultado da bolsa National Teaching Fellowship de Betty Leask, financiada pelo governo australiano em 2010-11, intitulada “Internationalisation of the Curriculum in Action”. Em 2013-14, o trabalho da bolsa foi estendido com mais apoio do Escritório de Aprendizagem e Ensino do Governo Australiano. O segundo projeto, “Embedding the IoC in Action Framework”, liderado por Craig Whitsed e Wendy Green, produziu recursos adicionais que apoiam o processo de internacionalização do currículo em programas de graduação inteiros. Informações detalhadas e recursos estão disponíveis no link: [www.ioc.global](http://www.ioc.global).

institucional e política pública. Apesar do foco no setor de ensino superior, seu escopo inclui, também, o ensino médio, a educação profissional e a aprendizagem contínua, uma vez que as pesquisas e ferramentas desenvolvidas podem ser aplicadas a diferentes realidades educacionais.

Idealizado para se tornar um polo na América Latina do movimento *ioc.global*, o Centro<sup>4</sup> está estruturado para promover princípios e práticas de internacionalização em casa na região e para apoiar resultados concretos, tais como: (a) promover a educação transnacional; (b) melhorar o ensino de graduação e pós-graduação; (c) expandir a parceria bilateral utilizando os vínculos existentes; (d) estimular a compreensão intercultural a fim de promover cooperação vitalícia e (e) construir atividades acadêmicas sustentáveis, com suporte otimizado de parceiros acadêmicos experientes e altamente qualificados, bem como de parceiros voltados para a pesquisa.

Seu objetivo final é ser um centro de internacionalização de pesquisas e práticas em educação, criando pontes entre especialistas do Norte e Sul globais, apoiando diálogos, promovendo a troca de experiências e incentivando projetos de pesquisa colaborativa. Para isso, o Centro conta com o apoio ativo do Departamento de Educação, Competências e Emprego do Governo Australiano e da Embaixada da Austrália no Brasil, além de universidades parceiras, como a Curtin University e La Trobe University.

A corrida dos países para internacionalizar seus sistemas educacionais por meios tradicionais, como mobilidade acadêmica e estudantil, participação em conferências internacionais e publicação com parceiros globais, está bem estabelecida. De fato, em

---

<sup>4</sup> A missão do Centro é estabelecer e fomentar uma rede de profissionais, especialistas e campeões na área de internacionalização do currículo para a América Latina, por meio de uma rede virtual. A proposta é uma parceria entre o Centro de Internacionalização da Educação Brasil-Austrália, Curtin University e La Trobe University. Mais informações podem ser acessadas no link: [www.pucrs.br/ioclatam-en/](http://www.pucrs.br/ioclatam-en/).

muitas universidades latino-americanas, a mobilidade acadêmica e o intercâmbio são, em grande medida, considerados sinônimos de internacionalização do ensino superior. No entanto, a mobilidade em grande escala é um processo excludente, que beneficia um grupo muito seleto de alunos de graduação e pós-graduação. Quando se trata de alunos do Sul global, muitas vezes as oportunidades são perdidas devido a restrições de orçamento e aos diferentes perfis dos alunos. Na realidade, de acordo com relatórios da Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD, 2021), em 2019, menos de 3% dos estudantes latino-americanos tiveram a oportunidade de fazer intercâmbio, seja de longo ou curto prazo. Mais recentemente, por causa da pandemia de SARS-COV-2 e seus impactos econômicos nos países em desenvolvimento e pobres, essas oportunidades se tornaram ainda mais escassas e restritivas.

Em vista disso, é urgente transmutar as experiências internacionais de indivíduos – sejam eles estudantes, professores ou pesquisadores – em uma prática institucional inclusiva que possa beneficiar uma comunidade acadêmica mais ampla. A internacionalização do currículo em casa é uma forma de enfrentar esse desafio e democratizar para todos os estudantes um programa de educação de alta qualidade. No entanto, este é um grande desafio reconhecido por muitos gerentes de ensino superior e formuladores de políticas, cujas preocupações são maximizar o retorno dos investimentos dedicados aos programas de mobilidade. Como aproveitar ao máximo as experiências e redes internacionais de indivíduos? O que pode ser feito para gerenciar o conhecimento adquirido internacionalmente e transformá-lo em ativos institucionais? Como alavancar parcerias globais para complementar as capacidades e infraestruturas de pesquisa? Essas são questões-chave que precisam ser discutidas para internacionalizar a educação com sucesso e a razão pela qual a Austrália se tornou um parceiro estratégico do Centro da PUCRS.

A internacionalização do currículo e as estratégias de internacionalização em casa na experiência da Austrália evoluíram organicamente. Desde 1951, quando o primeiro Plano Colombo para Desenvolvimento Econômico e Social Cooperativo no Sul e Sudeste Asiático foi lançado, a Austrália iniciou seu posicionamento na Região Asiática, oferecendo cerca de 40.000 bolsas para alunos de graduação de cerca de 26 países. Devido à crescente demanda de estudantes internacionais que desejavam ir para a Austrália, o Plano levou ao surgimento de uma nova vertente de ensino, pesquisa acadêmica e prática (Faria, 2020). As universidades e acadêmicos australianos tinham que estar na vanguarda da internacionalização das estratégias de educação para atender às expectativas dos alunos, o que resultou em um reconhecimento mundial do sistema educacional de alta qualidade do país.

Desde 2010, uma nova abordagem para a internacionalização do ensino superior foi adotada pelos legisladores australianos. Conforme Faria (2020), as principais mudanças estiveram relacionadas aos mecanismos de garantia de qualidade aplicados a cursos e instituições de ensino superior, à introdução de uma agência reguladora nacional para promover e garantir os resultados esperados para os alunos, bem como a introdução de políticas de incentivos para que as instituições se apropriem dos instrumentos de internacionalização em seus cursos, programas e práticas institucionais. Além disso, a internacionalização da educação na Austrália também foi usada pelo Departamento de Relações Exteriores e Comércio para traçar uma nova estratégia para a diplomacia científica, em especial, uma política de *soft power* de ex-alunos, uma marca global “Study in Australia” e o lançamento de bolsas de mobilidade de curta duração para alunos de pós-graduação em posições de liderança.

Como resultado dessa combinação de políticas públicas e esforços de práticas institucionais, a experiência em educação internacional da

Austrália nos últimos 50 anos comprovou os benefícios do processo de internacionalização, que não são apenas econômicos para o país, mas também sociais, culturais e empresariais. Assim, o Centro foi formatado como uma plataforma baseada em conhecimento para extrair e compartilhar lições que possam inspirar profissionais latino-americanos, instituições de ensino superior e formuladores de políticas. Essa plataforma foi inspirada na trajetória educacional internacional australiana, adaptada e ajustada ao contexto latino-americano, considerando e valorizando suas particularidades, valores e cultura.

### **1 A concepção do Centro como resultado do Programa de Estágio de Pesquisa de Doutorado Austrália-Américas**

Um artigo recente de Mitchell (2021), publicado no *University World News*, revelou que programas mais curtos de mobilidade estudantil, com até quatro semanas de experiência internacional, são suficientes para quebrar barreiras culturais, fomentar redes globais e permitir que pesquisadores se conheçam melhor, a fim de desenvolver projetos de pesquisa colaborativa. Essa descoberta principal levou à conclusão de que iniciativas de mobilidade de curto prazo, muito mais baratas e com potencial para beneficiar um maior número de estudantes, são mais eficazes se os resultados esperados visarem um impacto de longo prazo. Quer o objetivo seja o desenvolvimento de parcerias institucionais com os principais parceiros internacionais ou o fortalecimento de redes colaborativas com membros de diferentes países, o fato é que a mobilidade de curto prazo é suficiente para estabelecer conexões profundas. Além disso, ela cria a oportunidade necessária para que os alunos com compromisso de voltar ao seu país de origem aproveitem essas oportunidades globais.

Quando, em 2018, o Departamento de Educação do Governo Australiano lançou o Programa de Estágio de Pesquisa Doutoral

Austrália-Américas<sup>5</sup>, junto com a Australian Academy of Sciences e em parceria com a Rede Brasileira de Pontifícias Universidades Católicas, Cassol, na época aluna de doutorado da PUCRS, teve a oportunidade de se conectar e interagir com os principais pesquisadores australianos que fazem parte do movimento ioc.global, especialmente com a Profa. Betty Leask e com o Prof. Craig Whitsed. Depois de se candidatar ao programa e ser selecionada por mérito, Cassol recebeu uma bolsa que lhe permitiu passar três meses pesquisando na Curtin University, sob orientação do Prof. Whitsed.

O Programa de Estágio compartilha os mesmos princípios e entendimento dos resultados de pesquisa sistematizados por Mitchell (2021), em especial, o design dos currículos orientados para experiências de mobilidade de curto prazo e o fornecimento de oportunidades multiculturais para estudantes internacionais interagirem com especialistas em sua área de pesquisa, ampliando as perspectivas profissionais dos alunos. Conforme declarado no Relatório de Avaliação da Academia Australiana de Ciências (AAS, 2021, p. 1), apesar do curto período de estágio, o Programa de Estágio de Pesquisa Doutoral Austrália-Américas “facilitou com sucesso as colaborações e a geração de pesquisas envolvendo a Austrália e os principais países da América Latina”. Ao longo de sua implementação, de 2016 a 2019, 60 participantes da Argentina, Brasil, Colômbia e México visitaram e trabalharam em vários institutos de pesquisa australianos por um período de estágio de dois a três meses. O Programa teve benefícios mais amplos, desde intercâmbio cultural até parcerias entre instituições, bem como o fortalecimento de estratégias de *soft power*, todas elas projetadas para aumentar o engajamento internacional e fomentar redes globais de colaboração.

---

<sup>5</sup> Mais informações estão disponíveis no link: [www.science.org.au/academy-newsletter/july-2018-118/academy-starting-point-australia-americas-internship-program](http://www.science.org.au/academy-newsletter/july-2018-118/academy-starting-point-australia-americas-internship-program).

A busca por mais estudos sobre os temas da internacionalização do currículo e da internacionalização em casa esteve no cerne do estágio de pesquisa do doutorado de Cassol na Austrália. A expectativa original era apenas encontrar uma abordagem inclusiva e um conjunto de ferramentas metodológicas para a internacionalização da educação a serem aplicadas nas instituições de ensino superior brasileiras e adaptadas de acordo com suas necessidades. No entanto, o processo de pesquisa evidenciou uma grande lacuna de conhecimento na América Latina sobre temas relacionados à internacionalização do currículo. Também expôs a falta de representação de pesquisadores e especialistas desta região no movimento ioc. global, o que apontou o caminho para a criação visionária do Centro de Internacionalização da Educação.

A pesquisa de Cassol a levou a explorar mais profundamente as referências australianas em design de currículo, incluindo abordagens multiculturais e internacionais, estratégias de internacionalização para instituições de ensino superior, bem como outros programas inovadores destinados a promover e apoiar redes de pesquisa colaborativa internacional. De acordo com Whitsed, Green e Cassol (2018), de 2005 a 2015, universidades e acadêmicos australianos contribuíram significativamente para o desenvolvimento de uma literatura conceitual, teórica e prática sobre a internacionalização do currículo. Diversas universidades de todo o país promoveram a importância do currículo em seu planejamento estratégico da internacionalização, e as dimensões internacional e intercultural foram inseridas no conteúdo dos currículos, bem como nos arranjos de ensino e aprendizagem. Muitos esforços foram necessários para que as universidades conseguissem mobilizar o corpo docente e adaptar as práticas institucionais para transformar a estratégia de internacionalização em uma prática concreta, até que esta tomasse uma nova forma, que foi denominada abordagem de empregabilidade global.

## 2 *Soft Power* de ex-alunos: uma estratégia colaborativa

As estratégias globais de ex-alunos tornaram-se uma forma de diplomacia pública comum, implementada por vários países desenvolvidos que recebem um número considerável de estudantes, especialmente no nível de ensino superior. Muitos ex-alunos, quando voltam para seus países de origem após um estágio de curta ou longa duração, continuam a cultivar e mobilizar suas conexões profissionais, seja por motivos pessoais ou por parcerias institucionais. Posicionados em diversos cargos, como especialistas, gestores, tomadores de decisão ou líderes, esses ex-alunos tornam-se parte crucial da rede de relacionamento entre os países para fins comerciais, nas áreas de desenvolvimento de tecnologia, trabalhando na comunidade acadêmica, na política ou em canais diplomáticos.

Programas de mobilidade de curta duração têm um impacto significativo na carreira de pesquisa dos participantes, pois tais estágios permitem que os alunos ganhem confiança para explorar a colaboração internacional, uma vez que a maioria deles são pesquisadores em início de carreira. O trabalho desenvolvido em laboratórios de pesquisa aplicada, com projetos específicos em foco, não só capacita os participantes ao proporcionar experiência e maturidade em pesquisa internacional em áreas específicas do conhecimento, mas também pode ter consequências imprevisíveis. No caso do estágio de Cassol, o desfecho inesperado foi o conceito inicial para a criação do Centro de Educação Brasil-Austrália como uma ramificação internacional do *ioc.global* para a América Latina. Por meio de um capital inicial investido como parte de uma estratégia de ex-alunos globais, o Centro pôde ser implementado com sucesso com o apoio e a parceria da PUCRS.

Austrália<sup>6</sup>, Alemanha<sup>7</sup>, Estados Unidos<sup>8</sup> e Reino Unido<sup>9</sup> são alguns dos países internacionalmente reconhecidos como provedores de educação global e, portanto, também são referências para estratégias de *soft power*. Projetos de ex-alunos, programas de retorno ao país de origem, treinamentos em liderança, subsídios de capital inicial para *joint ventures* inovadoras, empreendedorismo e iniciativas culturais são algumas das ações que foram amplamente implementadas nas últimas décadas. São vários os resultados colhidos, incluindo desde influência moral, intelectual, comercial e política até desenvolvimento empresarial, turismo e intercâmbios culturais, bem como diplomacia econômica.

Considerando esses resultados, um montante significativo de recursos é frequentemente alocado para oferecer oportunidades e subsidiar alunos promissores por meio de programas de internacionalização do ensino superior. Programas de mobilidade de curto e longo prazo, bolsas de estudo, conferências internacionais e estágios de pesquisa são algumas das oportunidades mais conhecidas para atrair estudantes de alta qualidade. Apesar dos esforços feitos por esses países para explorar oportunidades relacionadas após o retorno de seus ex-alunos, ainda falta uma sistematização dos resultados alcançados em comparação com os investimentos realizados e de acordo com a estratégia adotada (Latypova, 2017). O fato é que o valor da política de *soft power* nem sempre é óbvio, e medir seu impacto e influência não é fácil.

---

<sup>6</sup> Mais informações estão disponíveis no link: [www.dfat.gov.au/people-to-people/global-alumni/Pages/global-alumni](http://www.dfat.gov.au/people-to-people/global-alumni/Pages/global-alumni).

<sup>7</sup> Mais informações estão disponíveis nos links: [www.alumniportal-deutschland.org/en/](http://www.alumniportal-deutschland.org/en/) e [www.giz.de/en/worldwide/30728.html](http://www.giz.de/en/worldwide/30728.html).

<sup>8</sup> Mais informações estão disponíveis no link: <http://www.inquiriesjournal.com/articles/1659/tracing-the-success-of-soft-power-in-the-us-state-departments-future-leaders-exchange-program>.

<sup>9</sup> Mais informações estão disponíveis no link: <https://www.britishcouncil.org/research-policy-insight/insight-articles/soft-power-values>.

Com relação à Austrália, a estratégia de *soft power* por meio de programas de ex-alunos é resultado da revisão do White Paper de Política Externa de 2017, conduzida pelo Governo Federal. Até então, as iniciativas haviam sido implementadas no âmbito da estratégia de diplomacia pública. Em um mundo dinâmico, com o fortalecimento de novos atores econômicos e a crescente influência política de novos atores, os legisladores australianos elaboraram um Novo Plano Colombo<sup>10</sup> para reforçar sua presença na Ásia e na região do Indo-Pacífico, envolvendo programas de bolsas de estudo, estágios, mentorias, prática e pesquisa, tanto para estudos de curto quanto de longo prazo. Uma nova estratégia de ex-alunos globais da Austrália<sup>11</sup> também foi lançada, em parceria com universidades e outras instituições de ensino<sup>12</sup>, a fim de desenvolver e ampliar as redes de ex-alunos e apoiar o seu desenvolvimento profissional.

O argumento em favor do engajamento de ex-alunos nunca foi tão atraente para o governo australiano, uma vez que o setor de educação internacional é um de seus maiores produtos de exportação de serviços. Isso significa que as redes de ex-alunos são um ativo valioso a ser nutrido para que o país se mantenha competitivo em educação, ciência, pesquisa e inovação. Os ex-alunos também têm sido responsáveis por encorajar projetos de pesquisa mais amplos e conexões com a indústria em suas instituições de origem, contribuindo com a ampliação das perspectivas culturais e parcerias

---

<sup>10</sup> Mais informações estão disponíveis no link: <https://www.dfat.gov.au/people-to-people/new-colombo-plan>.

<sup>11</sup> Mais informações estão disponíveis no link: <https://www.dfat.gov.au/people-to-people/global-alumni/Pages/global-alumni>.

<sup>12</sup> De acordo com a pesquisa *Soft Power 30*, a Austrália ficou em 9º lugar no ranking de *soft power*, com ponto forte no subíndice de educação e ponto fraco no subíndice empresarial. No que se refere ao subíndice da educação, foi dado reconhecimento especial à excelência das universidades do país, responsáveis pela atração de grandes números de estudantes internacionais. Mais informações estão disponíveis no link: <https://softpower30.com/country/australia/>.

comerciais da Austrália. Comprovou-se que todos esses benefícios são recíprocos para o país parceiro e sua indústria, redes e pessoas.

### 3 Planejamento institucional e estratégia operacional do Centro

Após retornar da Austrália, Cassol e a equipe do DFAT participaram de diversos seminários e conferências divulgando a importância da IdC para o desenvolvimento do processo de internacionalização no Brasil. O número de participantes e um crescente número de convites para replicar o trabalho demonstraram que havia interesse genuíno e espaço para crescimento neste tema.

Algum tempo depois da série de conversas, a equipe se reuniu para analisar o impacto do trabalho, ocasião em que se discutiu a ideia de criação do centro. Foi apresentada e aprovada uma proposta para desenvolver a ideia conceitual do centro, envolvendo participantes-chave indicados pelos Vice-Reitores de Graduação e Pós-Graduação da PUCRS. Um *workshop* de dois dias, planejado e executado pelo IDEAR<sup>13</sup>, foi realizado, e seus resultados foram apresentados à Reitoria da PUCRS. Esta não só aprovou a criação do centro, mas também se comprometeu a apoiá-la. Assim, em julho de 2020, em uma cerimônia virtual, o Centro foi lançado.

O primeiro lote de atividades implementadas pelo Centro foram os *webinars* mencionados acima. O segundo, concentrado na linha de pesquisa metodológica, está atualmente em desenvolvimento. Em maio de 2021, um projeto regional foi aprovado e financiado pelo Council on Australia Latin America Relations (COALAR) com o objetivo de desenvolver as capacidades de professores e funcionários de países da América Latina para internacionalizar a educação e o

---

<sup>13</sup> O IDEAR é o laboratório interdisciplinar de empreendedorismo e inovação da PUCRS. Saiba mais em: <https://idear.pucrs.br>.

currículo em casa, utilizando ferramentas *on-line* e fomentando a criação de uma comunidade de prática. Como parte do projeto, uma comunidade de especialistas em pesquisa está sendo apoiada e uma rede de profissionais estimulada. Um lote de recursos com curadoria publicados em português e espanhol sobre os temas da internacionalização em casa e da internacionalização do currículo está sendo desenvolvido e disponibilizado para o público no site do Centro<sup>14</sup>. Além disso, a estrutura global de IdC e o processo de internacionalização do currículo estão sendo revisados e redesenhados para adequação ao contexto latino-americano.

Este projeto foi concebido como a primeira fase de um programa de longo prazo implementado pelo Centro na linha metodológica, estando previsto o lançamento de novas iniciativas na linha de práticas institucionais e *benchmark*, bem como na linha de pesquisa de políticas públicas. Portanto, novos projetos e atividades estão encaminhados. Isso tudo é desafiador, mas vale a pena, pois, assim como Nelson Mandela, acreditamos que “a educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo”.

## Referências

Australian Academy of Sciences (AAS). (2021). *Australia-Americas PhD Research Internship Program: Evaluation Report*. Australian Government Department of Education, Skills and Employment. Recovered from: <https://www.dese.gov.au/>.

Faria, C. (2020). Internacionalização da educação: uma análise política baseada no benchmark australiano. *REGIT*, 14(2), 43-62.

Latypova, L. R. (2017). Tracing the success of Soft Power in the US State Department’s Future Leaders Exchange Program. *Inquiries Journal*, 9(10), 1.

---

<sup>14</sup> Mais informações estão disponíveis no link: <https://www.pucrs.br/center-of-internationalization-of-education-brazil-australia/>.

Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). (2021). *Reports*. Recovered from: <https://www.oecd.org/competition/publicationsdocuments/reports/>.

Mitchell, N. (2021). Shorter student mobility 'widens participation': Study. *University World News*. Recuperado de: [www.universityworldnews.com/post.php?story=20210624104009394](http://www.universityworldnews.com/post.php?story=20210624104009394).

Whitsed, C., Green, W., & Cassol, C. C. (2018). What happened to internationalization of the curriculum? *University World News*. Recovered from: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20180725092142237>.



## APRESENTAÇÃO

Profa. Dra. Marília Morosini  
Dra. Carla Camargo Cassol  
Dra. Cristina Elsner de Faria  
(Organizadoras)

O livro *Internacionalização da Educação Superior: práticas e reflexões do Brasil e da Austrália* é fruto de um projeto colaborativo desenvolvido entre professores, pesquisadores e profissionais comprometidos com a melhoria da qualidade do Ensino Superior. Valendo-se de estudos e do compartilhamento de práticas para a internacionalização do Ensino Superior, as discussões foram sistematizadas em torno de três eixos de pesquisa: i) metodologias de ensino-aprendizagem; ii) políticas institucionais e boas práticas de gestão e iii) análises e debates de políticas públicas.

Os artigos produzidos para este livro materializam o trabalho desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com o apoio da Embaixada da Austrália no Brasil e do Departamento de Educação, Capacitação e Emprego (DESE) do governo australiano, por intermédio do Centro de Internacionalização da Educação Brasil-Austrália (CIEBRAUS). Entre julho de 2020 e abril de 2021, foram implementadas

três rodadas de webinários<sup>1</sup> focadas nas experiências brasileiras e australianas de internacionalização do Ensino Superior.

Planejadas com o objetivo de promover ativamente o desenvolvimento de pesquisas sobre internacionalização da educação, fomentar atividades de cooperação entre universidades e disponibilizar uma plataforma para trabalho em rede entre pesquisadores da Austrália e da América Latina, as rodadas de webinários constituem a base do conhecimento estruturado no livro. No total, foram envolvidos mais de 20 especialistas brasileiros e australianos em 9 debates realizados.

Ademais, a iniciativa de produção do livro contou com a participação ativa de um comitê editorial voluntário, o qual foi formatado a partir da área de especialidade acadêmica e de experiência profissional de seus membros.

	Prof. Dra. Betty Leask (La Trobe University)
<b>Metodologias de Ensino-Aprendizagem</b>	Prof. Dr. Craig Whitsed (Curtin University)
	Prof. Dra. Marília Morosini (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS)
	Ma. Carla Cassol (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS)
<b>Políticas Institucionais e Boas Práticas de Gestão</b>	Prof. Dra. Luciane Stallivieri (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)
	Prof. Dr. Robert Mason (Associação de Estudos Ibero e Latino-Americanos da Australásia – AILASA)
	Prof. Dr. José Celso Freire Junior (Universidade Estadual de São Paulo – UNESP)

<sup>1</sup> Os webinários podem ser assistidos na íntegra pelo canal de YouTube da PUCRS, por meio do link <https://www.pucrs.br/centro-de-internacionalizacao-da-educacao-brasil-australia/>.

---

Dra. Cristina Elsner de Faria (Gerente de Educação e Ciências na Embaixada da Austrália no Brasil)

---

**Análises e Debates de Políticas Públicas**

Mathew Johnston (Conselheiro de Educação na Embaixada da Austrália no Brasil)

---

Prof. Dr. Robert Verhine (Universidade Federal da Bahia – UFBA)

---

O resultado desse trabalho levou à formação de uma rede de pesquisa colaborativa, engajando acadêmicos, especialistas e profissionais da América Latina e da Austrália. Ancorada na estrutura do CIEBRAUS<sup>2</sup>, pretende-se criar oportunidades para o debate contínuo acerca de práticas para a inovação na gestão institucional e da formatação de políticas públicas que providenciem os incentivos necessários para uma internacionalização mais inclusiva das instituições de Ensino Superior (IES).

Também está em consolidação uma comunidade de prática voltada especificamente para temas relativos ao processo de ensino-aprendizagem, com a orientação e curadoria das Profas. Dras. Betty Leask e Marília Morosini e do Prof. Dr. Craig Whitsed. Essa iniciativa conta com o apoio do Conselho de Relações Austrália-América Latina (COALAR), com financiamento aprovado pelo Departamento de Relações Exteriores e Comércio (DFAT) do governo australiano. Por meio dessa comunidade, propõe-se expandir para outros países da América Latina a iniciativa de mobilização de pesquisadores, profissionais e especialistas, até então implementada pelo CIEBRAUS junto a parceiros brasileiros. O resultado desse trabalho será objeto de um segundo livro a ser produzido em 2022, trazendo reflexões

---

<sup>2</sup> Mais informações no *link*: <https://www.pucrs.br/centro-de-internacionalizacao-da-educacao-brasil-australia/>.

e debates da América Latina, estreitando, assim, as relações entre países do Norte Global e do Sul Global.

## **1 A importância da internacionalização da educação**

Há uma década, Hans de Wit (2011) já apontava para as parcerias internacionais e as redes de colaboração em pesquisa e ensino como sendo o futuro da Educação Superior. Os desafios de uma economia globalizada, somados a mercados de trabalho altamente especializados e cada vez mais tecnológicos, trouxe uma nova perspectiva para o setor educacional. Hudzik (2011), na mesma época, afirmava que, para se tornar uma instituição de referência global, no século XXI, as universidades precisariam dedicar atenção sistemática à internacionalização. Confirmando as afirmações desses e outros autores, a internacionalização, atualmente, ocupa uma posição estratégica no planejamento das IES, na agenda de políticas públicas de diversos países e, certamente, também nas ambições de estudantes que, além de desejar se projetar no mercado de trabalho, ambicionam vivência em um mundo sustentável.

No entanto, ainda é um equívoco comum considerar a internacionalização como um objetivo em si mesma, em vez de percebê-la como um meio para alcançar objetivos maiores, tais como a qualidade da educação, a produção de ciência de relevância global ou, ainda, a realização de pesquisas com inestimável impacto econômico e/ou social. O papel primordial das IES é formar cidadãos responsáveis e profissionais qualificados para o exercício de sua profissão, que tenham capacidade de não apenas sustentar o desenvolvimento local e regional, mas também construir uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse contexto, as universidades se tornam atores-chave numa sociedade global, cada vez mais intercultural e ancorada pela economia do conhecimento.

Não se pretende diminuir a importância dos processos de mobilidade, que são e permanecerão sendo um componente relevante das políticas de internacionalização. Espera-se, contudo, que outros aspectos de igual relevância para o processo de internacionalização – a exemplo da internacionalização do currículo e demais práticas de internacionalização em casa – sejam reconhecidos e implementados em maior escala, democratizando, assim, o acesso a um conhecimento globalizado de alta qualidade.

Resta, então, responder à pergunta: e o que as instituições de Ensino Superior têm a ganhar com a internacionalização do currículo em casa? A crescente busca de estudantes por experiências internacionais e interculturais de qualidade durante sua formação superior tem impulsionado as IES a investirem e aprimorarem seus processos de internacionalização. A globalização dos mercados de trabalho e das redes colaborativas de pesquisa provocou mudança não apenas nos setores econômico e produtivo, mas também na formatação das IES e seu planejamento operacional.

Diversas universidades já adotam projetos de internacionalização como estratégia de diferenciação no processo de captação de estudantes. Quer seja por meio da internacionalização do currículo, da multiculturalidade do corpo docente, da virtualização das experiências de intercâmbio ou, ainda, da formatação de parcerias globais para projetos de pesquisa, o fato é que a internacionalização das universidades passou a ser uma dimensão emergente na percepção e na análise da qualidade da educação. Se bem administrado, o processo de internacionalização traz ganhos incomensuráveis para os estudantes, os professores, a comunidade local, a economia regional e, em última instância, para o país. Mas ele também pode se tornar um elemento de alta despesa e pouco impacto, quando mal administrado.

Conforme registrado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2021), desde 1999, a mobilidade internacional de estudantes tem apresentado um crescimento sustentado, com média de 5,5% ao ano. Em 2019, foram 6,1 milhões de estudantes internacionais participando de programas de intercâmbio, o que representa mais do que o dobro do número de estudantes em 2007. Desse total, 67% são estudantes de países em desenvolvimento. Essa mobilidade estudantil gera resultados financeiros tanto para as universidades que cobram por seus serviços educacionais, quanto para os países que recebem elevadas quantias de estudantes internacionais.

Desde 1995, “serviços de Educação Superior” foi incluído pela Organização Mundial do Comércio (OMC) no conjunto de itens constantes do *General Agreement on Trade in Services* (GATS). E não são apenas governos e instituições de Ensino Superior que se beneficiam com os processos de internacionalização da educação. As empresas do setor produtivo, que estão baseadas em países que atraem estudantes internacionais, também se beneficiam ao poder contar com profissionais altamente qualificados disponíveis no mercado de trabalho local.

A internacionalização consta como pauta estratégica também no olhar da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019), que vem desenvolvendo uma série de estudos intitulada *Os futuros da educação*, pela qual pensa a realidade da educação em 2050, destacando o papel da internacionalização na construção de uma sociedade colaborativa, interconectada e planetária.

Na perspectiva latino-americana, a internacionalização da Educação Superior amplia seu escopo e é entendida como um processo que integra uma dimensão internacional e intercultural à Educação Superior, advindo de interações sustentadas por redes

colaborativas, fortalecendo a capacidade científico-tecnológica nacional, conectada com o local, com o fito de ser irradiador do desenvolvimento sustentável (Morosini, 2021). Essa perspectiva tem, no Brasil, um campo potencialmente fértil, pois, apesar de estarem contabilizadas mais de 2.600 instituições de Ensino Superior, com uma média de matrículas anuais em cursos de graduação superior a 3,6 milhões (INEP, 2021), observa-se que diversas iniciativas de internacionalização estão centradas em processos de mobilidade. Já as demais estratégias de internacionalização, apesar de crescentes nos últimos anos, são, ainda, pouco exploradas, por vezes devido à falta de um projeto de políticas públicas para a internacionalização que pode ser subsidiado por debates, os quais evidenciem outros caminhos para implementar processos de internacionalização mais acessíveis e democratizados.

## 2 Apresentação do livro

O livro *Internacionalização da Educação Superior: práticas e reflexões do Brasil e da Austrália* materializa o compartilhamento de conhecimentos e a sinergia no debate entre pesquisadores de ambos os países, contribuindo para a análise de problemas comuns, suas causas, possíveis soluções e os desafios para aprimorar continuamente a qualidade do Ensino Superior.

A primeira parte do livro é dedicada ao debate sobre metodologias de ensino-aprendizagem e a incorporação de práticas para a internacionalização do currículo. Com debate em voga e por se tratar de uma abordagem que aproxima a educação da discussão emergente da Indústria 4.0, o tema da Educação 4.0 foi escolhido para ser o carro-chefe dessa parte. Nesse contexto, a questão da internacionalização e interculturalidade do currículo ganha relevância incontestável. O setor educacional e todos os seus profissionais precisam evoluir em suas abordagens metodológicas como uma forma

de resposta aos desafios do mundo do trabalho e às expectativas de bem-estar social que o futuro já nos trouxe. Também são explorados os impactos sobre o profissional da educação e as instituições de Ensino Superior que tais transformações tecnológicas, socioculturais e econômicas induzem. Frente ao exposto, os capítulos dessa parte exploram algumas das ferramentas, métodos e procedimentos que podem ser facilmente aplicados por profissionais da educação em suas rotinas de trabalho.

A segunda parte traz uma discussão sobre políticas institucionais e boas práticas de gestão adotadas por instituições de Ensino Superior, no Brasil e na Austrália. Tendo em vista a complexidade e a controvérsia do debate de avaliação de qualidade das instituições de Ensino Superior, nessa parte, são exploradas algumas práticas de planejamento e atuação em rede adotadas por diversas instituições que buscam se tornar uma universidade de referência global. Nesse sentido, revela-se a necessidade do processo de formulação estratégica de planos institucionais de internacionalização e a potencialidade da atuação em rede para fomento à evolução do processo de internacionalização de instituições de Ensino Superior. Ademais, foi atribuído destaque ao bem-sucedido caso da parceria entre a Universidade de Queensland e a Universidade Estadual de São Paulo, bem como à estratégia proativa da Universidade de Griffith e da AILASA por buscar estreitar parcerias com universidades e pesquisadores brasileiros em temáticas cujos desafios e oportunidades são comuns.

Já a terceira parte apresenta algumas análises e debates de políticas públicas, especialmente no que se refere à garantia da qualidade do Ensino Superior e ao papel do Estado na regulação da qualidade, tecendo considerações acerca da adoção de critérios multidimensionais para a avaliação da qualidade das instituições de Ensino Superior. Por um lado, o Brasil passa, atualmente, por um momento de reflexão e avaliação de seu sistema regulatório. São questionados os critérios adotados para avaliação de qualidade das

instituições de Ensino Superior, em especial à luz de práticas e experiências internacionais. Por outro, tem-se que a Austrália realizou, há mais de uma década, a reforma do sistema de regulação do Ensino Superior. Nessa ocasião, foi introduzida uma metodologia de avaliação com base em multicritérios e respectivos subcritérios, os quais foram selecionados em comum acordo com os entes federados do país e especialistas do setor educacional. É atribuído a esse processo o êxito alcançado pelas instituições australianas no cenário global do Ensino Superior, quer seja na produção de pesquisas, no desenvolvimento de novas tecnologias e inovações científicas ou, ainda, no reconhecimento de seus diplomas e certificados pelo mercado de trabalho de diversos países.

Assim sendo, o presente livro sistematiza alguns dos principais debates metodológicos voltados para o ensino-aprendizagem, com ênfase em ferramentas para internacionalização do currículo e das práticas em sala de aula. Também foram selecionadas boas práticas de gestão para instituições de Ensino Superior que estão em busca de internacionalizar seus programas e cursos, sua equipe docente e de apoio, bem como seus projetos de pesquisa. E, por fim, foram destacadas algumas reflexões sobre estratégias políticas e lições aprendidas que visam garantir uma educação de qualidade, valendo-se da adoção de perspectivas e práticas para a internacionalização da educação.

O livro foi produzido em três versões, nos idiomas português, inglês e espanhol, pretendendo valorizar diferentes contextos e perspectivas e de forma a maximizar o intercâmbio de ideias entre o Brasil, os países latino-americanos e a Austrália. Desse modo, desejamos poder inspirar o desenvolvimento de novas ideias e projetos. A disponibilização do livro em meio digital é gratuita e pode ser acessada pelo site da Editora da PUCRS. Nossa proposta é promover o acesso ilimitado ao conhecimento, de forma sustentável.

Esperamos que os textos produzidos auxiliem no trabalho cotidiano de professores, coordenadores de curso, gestores de instituições de Ensino Superior e tomadores de decisões na esfera das políticas públicas que, como nós, entendem que apenas por meio de uma educação de qualidade, ancorada em uma perspectiva multicultural e internacional, pode-se formar cidadãos conscientes e profissionais responsáveis pelo futuro do país.

Boa leitura!

## Referências

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2021). *Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2019*. Brasília: INEP. Recuperado de: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf).

Hudzik, J. K. (2011). *Comprehensive internationalization*. Washington: NAFSA.

Morosini, M. (org.). (2021). *Enciclopédia Brasileira de Educação Superior*: EBES. Porto Alegre: EdiPUCRS.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (2019). *Los futuros de la educación: aprender a transformarse* (septiembre 2019 – agosto 2020). Recuperado de: <http://unesco.org/futuresofeducation>.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). (2021). *Education at a Glance 2021: OECD indicators*. Recuperado de: <https://www.oecd-ilibrary.org/sites/b35a14e5-en/index.html?itemId=/content/publication/b35a14e5-en>.

Wit, H. (2011). *Trends, issues and challenges in internationalisation of higher education*. Amsterdam: Hogeschol van Amsterdam.

**SEÇÃO 1 –  
METODOLOGIAS  
DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM**



# INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO: EVOLUINDO EM DIREÇÃO À EDUCAÇÃO 4.0

Betty Rosalie Leask<sup>1</sup>

## 1 Introdução

A Quarta Revolução Industrial está chegando. Ela já está causando impacto na forma como as pessoas se comunicam, como vivem suas vidas e se conectam com outras pessoas, no tipo de trabalho que fazem e em como o fazem. A máquina a vapor foi o catalisador da Primeira Revolução Industrial, a manufatura catalisou a Segunda Revolução e os computadores, a Terceira. O catalisador da Quarta Revolução Industrial é a fusão de tecnologias que resulta em um apagamento das linhas que separam as esferas física, digital e humana, que fica evidente, por exemplo, na robótica, na computação em nuvem e na Internet das Coisas. A Quarta Revolução baseia-se na Terceira e, sem dúvida, criará oportunidades e desafios para os educadores e para a sociedade como um todo. Embora seu impacto seja difícil de prever, sem dúvida haverá mudanças na maneira como vivemos, aprendemos, trabalhamos e nos divertimos. Por exemplo, imagine um mundo em que possamos nos comunicar de maneira contínua e síncrona em diferentes idiomas – de modo que, se eu

---

<sup>1</sup> Betty Leask é Professora Emérita da Escola de Educação da La Trobe University, Austrália. Sua pesquisa concentra-se na internacionalização do currículo, do ensino e da aprendizagem no ensino superior. E-mail: leaskb@bc.edu.

falar com você em inglês, você poderá optar por me ouvir de forma síncrona em português ou espanhol e vice-versa – sem um intérprete físico. Considere as oportunidades que isso cria para aqueles que tenham acesso a tais tecnologias e os desafios crescentes que apresenta para a criação de uma sociedade equitativa e justa, visto que nem todos terão os recursos ou as habilidades para acessar e usar essas tecnologias ao mesmo tempo (embora possam vir a ter).

A Educação 4.0, entendida neste capítulo como uma abordagem de aprendizagem que se alinha com a emergente Quarta Revolução Industrial, oferece simultaneamente novas possibilidades para as instituições de Ensino Superior prepararem futuros graduados para a vida e o trabalho neste novo mundo globalizado e tecnologicamente avançado (Bonfield et al., 2020) e torna ainda mais importante que o façam. À medida que a internacionalização do currículo evolui para a Educação 4.0, será ainda mais importante do que no passado que ela se concentre em preparar todos os graduados para contribuir para a criação de sociedades locais e globais produtivas, socialmente responsáveis e civicamente orientadas. Os principais atores no processo de internacionalização do currículo podem apoiar a criação de um futuro que reduza ou elimine os possíveis impactos negativos da Quarta Revolução Industrial na sociedade, se olharem para o futuro e aprenderem com o presente.

Este capítulo explora as conceituações atuais da internacionalização do Ensino Superior e do currículo e algumas mudanças de abordagem que ocorreram nos últimos 25 anos. Também discute como a internacionalização do currículo pode evoluir no futuro, incluindo como ela já abraçou elementos da Terceira Revolução Industrial, a Revolução Digital. As principais características de um paradigma emergente de internacionalização do currículo são identificadas, bem como algumas das implicações para indivíduos e instituições que buscam criar um mundo melhor por meio da internacionalização

em um mundo supercomplexo (Barnett, 2000), um mundo que está lidando simultaneamente com uma série de questões globais, uma crise climática e o impacto de uma pandemia global durante uma Revolução Digital que oferece oportunidades e desafios por meio do aprendizado mediado pela tecnologia.

## **2 A evolução da internacionalização do Ensino Superior**

Em sua forma mais simples, a internacionalização do Ensino Superior é um processo relacionado a pesquisa, educação, comunicação e comércio para além das fronteiras nacionais. A internacionalização foi inicialmente conceituada como uma resposta institucional à globalização (Knight, 1997). A globalização não é um fenômeno novo, mas sua fase mais recente inclui um aumento dramático da internacionalização do Ensino Superior em todo o mundo. Poderíamos esperar ver variações nas respostas nacionais porque não existe “nenhum modelo único que se adapte a todas as regiões, ou mesmo às nações e instituições dentro de uma região” (Egron-Polak & Marinoni, 2022, p. 75). Infelizmente, porém, conforme as instituições trabalham dentro e fora das fronteiras nacionais para internacionalizar o Ensino Superior, criou-se um sistema global hierárquico. Esse sistema tem incentivado e recompensado uma competição acirrada pelos melhores e mais brilhantes estudantes e pesquisadores e instituições privilegiadas no Norte Global. As desigualdades foram exacerbadas e o potencial de algumas instituições, no Sul Global, de gerar um impacto positivo em suas comunidades foi afetado negativamente. O sistema é apoiado pelos governos nacionais e supranacionais mais poderosos (predominantemente, mas não apenas, no Norte Global) que buscam o melhor resultado para suas economias, muitas vezes com pouca atenção ou consideração ao contexto mais amplo – a possibilidade de fazer avançar o bem comum global por meio da internacionalização do Ensino Superior.

Em suma, os benefícios potenciais da internacionalização do Ensino Superior para melhorar a qualidade, a relevância e a competitividade do Ensino Superior não foram partilhados igualmente entre os sistemas nacionais. No contexto latino-americano, esse ponto é ilustrado por Marmolejo e Gacel-Ávila (2016), que observam que, embora a internacionalização esteja mostrando tendências positivas na região, existem desafios significativos para as universidades da região que buscam responder à globalização.

Fortalecer a capacidade nacional de responder positivamente à globalização sempre foi um forte fator de impulso para a internacionalização. Isso fica evidente nas definições de internacionalização do Ensino Superior nos últimos 25 anos, que fazem referência à globalização de várias maneiras, ao mesmo tempo em que se mantêm abertas o suficiente para permitir uma interpretação local. O Quadro 1 ilustra algumas das mudanças sutis de ênfase, mas também o foco consistente na importância da internacionalização para a prosperidade nacional em face à globalização. No Quadro 1, podemos verificar que, em 1997, a internacionalização do Ensino Superior foi descrita como uma política nacional destinada em grande parte a *proteger a individualidade de uma nação* (Knight, 1997). No entanto, em 2015, o foco mudou para como (processo), propósito (melhoria da qualidade da educação e da pesquisa) e resultados (benefício para todos os alunos, funcionários e sociedade) (De Wit et al., 2015). A mudança de ênfase é compreensível no contexto dos anos entre 2003 e 2015, que testemunharam preocupações com a crescente lacuna entre o impacto da internacionalização em instituições, estudantes e comunidades no Norte Global e no Sul Global, apelando para que a internacionalização retornasse a seus valores centrais (International Association of Universities, abril, 2012).

Principais características	Definição
Uma resposta da política nacional à globalização.	“A identidade e a cultura nacionais são fundamentais para a internacionalização. A homogeneização da cultura é frequentemente citada como uma preocupação crucial ou efeito da globalização”. Em contraste, a internacionalização respeita e pode até mesmo fortalecer as prioridades e culturas locais, regionais e nacionais (Knight & de Wit 1997, p.6).
Também é uma resposta setorial e institucional à globalização.	“A internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções ou na oferta da educação pós-secundária” (Knight, 2003, p.2).
Um processo de mudança profunda e complexa ao longo do tempo.	
Pode ter dimensões internacionais, interculturais ou globais.	
Será planejada e sistemática.	“O processo intencional de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções e no fornecimento da educação pós-secundária, a fim de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os alunos e funcionários, e a fim de fazer uma contribuição significativa para a sociedade” (De Wit et al., 2015, p.29).
Voltada especificamente para a melhoria da qualidade da educação e da pesquisa.	
Decorrerá em melhores resultados para todos os alunos e para a sociedade.	

**Quadro 1.** Principais características da internacionalização do Ensino Superior ao longo de três décadas

**Fonte:** Elaborada pela autora (2021).